JORNAL DA PUC

Vice-Reitoria para Assuntos Comunitários Ano XXX Nº 305 31 de maio de 2017

Canonização no centenário de Fátima

Cem anos após as aparições de Nossa Senhora de Fátima, em em Portugal, o Papa Francisco voltou ao país para a canonização de dois dos três pastorinhos que presenciaram as manifestações. Nos encontros, a Virgem Maria pedia paz para o mundo, conturbado pela Primeira Guerra Mundial. Nossa Senhora fez três revelações às crianças, que ficaram conhecidas como os segredos de Fátima. **PÁGINAS 6 E 7**

DIOGO MADUELL

Um olhar para além dos pilotis

Ensaio fotográfico mostra parte da personalidade de alguns dos funcionários da Universidade. Sem o uniforme, eles expressam mais do cotidiano

ISABELLA LACERDA

PÁGINA 12

Por uma Universidade sustentável

Para a primeira atualização da Agenda Socioambiental, estagiários do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq) analisam questões sociais e ambientais do Campus. O documento foi escrito em 2009, e a revisão será apresentada na Semana do Meio Ambiente, em junho. **PÁGINA 5**

Homenagem no céu para um astrofísico

Daniele Fulvio ganhou prêmio internacional aos 37 anos

Durante o congresso Asteroids, Comets and Meteors, realizado em abril deste ano, em Montevidéu, no Uruguai, o professor Daniele Fulvio, do Departamento de Física, recebeu uma homenagem: o nome dele foi dado a um asteroide. Este é um tributo do International Astronomical Union (IAU) a Fulvio pelo trabalho e pesquisa científica. No Laboratório Van de Graaff, o astrofísico utiliza um acelerador de partículas para executar experimentos, a fim de simular fenômenos físico-químicos que acontecem no espaço. Ele tenta reproduzir os efeitos que os meteoritos sofrem após passarem pela atmosfera. **PÁGINA 3**

Experiência teatral dentro do campus

Sob a supervisão da coordenadora do curso de Artes Cênicas, alunos participam da montagem de três espetáculos teatrais. As peças *Obsessões*, *Boca de Miséria* e *ANÂNKÉ* têm produção e dramaturgia assinadas pelos estudantes. A ideia é que eles experimentem várias funções. **PÁGINA 10**

ALEXANDRE BRAUTIGAM

Alunos trabalham como atores, produtores e assistentes para o projeto

Símbolo das praias do Brasil

Exposição *Yes! Nós Temos Biquíni*, no CCBB, conta a história das duas peças. Criado na França, o traje de banho se tornou símbolo das praias do Brasil e da liberdade da mulher. Ao longo de sete décadas, o biquíni passou por muitas mudanças: já foi tanga, asa-delta, fio-dental, sunkini, entre outros. **PÁGINA 11**

MATHEUS AGUIAR

MOVE: liderança para a fé

PÁGINA 9

REITOR

O Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., reforça em seu artigo que, em tempos de desordem política, é necessário que o povo brasileiro se apegue a três princípios primordiais: o testemunho da esperança, a primazia do bem e o conhecimento do espírito de verdade. **PÁGINA 2**

REITOR

Princípios éticos em momentos difíceis

Estamos vivendo momentos difíceis de nossa história brasileira, onde verdades e inverdades se misturam por detrás dos fatos, dificultando um discernimento objetivo da realidade. Num país dividido politicamente, onde a cada dia somos surpreendidos pela perversidade de práticas que saem do submundo da política, não nos resta outra alternativa senão recorrermos aos bons princípios éticos que fazem parte do ethos de nossa brasilidade. É de bom alvitre recordar três desses princípios que marcam uma cultura plasmada pelos valores humanísticos e cristãos, a saber: o testemunho da esperança, a primazia do bem e o conhecimento do espirito de verdade. O primeiro nos leva a dar sempre razão de nossa esperança, pois, as turbulências e as dificuldades transitórias não devem tirar de nós a convicção de que tudo pode mudar na imanência da história, sobretudo por pessoas que acreditam e professam uma dimensão transhistórica da vida, onde a esperança supera o contraditório. O segundo se traduz na máxima de que é melhor optar pela verdade, pela lisura e pela transparência, do que enveredar pela contramão do mal que conduz à traição, à manipulação e à ocultação de atos e ações que corrompem o ser humano e estimulam as práticas nocivas na sociedade, envergonhando os milhares de cidadãos honestos que vivem a verdade no anonimato da existência. A não primazia pelo bem gera nas pessoas e no tecido social, divisões, agitações, indignações e, sobretudo, incertezas, pois a mistura de bem e mal dificulta um discernimento verdadeiro diante dos fatos e acontecimentos que manipulam a opinião pública. O terceiro, que consiste no conhecimento do espirito de verdade, sendo talvez o que mais necessitamos nestes momentos de perplexidade. Ter um compromisso com a verdade, onde o bem da nação deve estar acima dos interesses pessoais, é um estado de espirito que enobrece o ser humano, permitindo que as normas e as leis garantam a verdade dos fatos, e que possam punir com rigor as inverdades e os prejuízos sociais da corrupção, da falta de ética e das práticas espúrias, sobretudo daqueles a quem foram confiados os mais altos degraus na vida pública.

Para os que vivem estes princípios éticos no cotidiano da existência, resta-nos a determinação de não abrirmos mão de nossas convicções mais profundas. A virtude da esperança nos faz crer que a revelação das inverdades e da falta de lisura, fortalecerá o compromisso com os verdadeiros princípios que movem o ethos social das novas e futuras gerações de nossa sociedade brasileira. A primazia do bem e da verdade continuará sendo o veio condutor de um país que nasceu como terra de Santa Cruz, não tanto pela escolha piedosa dos colonizadores, mas pelos valores de um homem que um dia passou pela cruz para romper os sinais de morte, de corrupção e de ambição desmedida que enfraquece aquilo que há de mais sagrado no ser humano.

PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.
REITOR DA PUC-RIO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA PUC-RIO

Um fundo de endowment para a PUC-Rio?

Uma das maiores conquistas na minha vida é o meu título de Engenheiro pela PUC-Rio, em 1973. Graças aos ensinamentos obtidos na PUC, entre outros, consegui desenvolver uma vida profissional bastante ativa e produtiva.

É com este olhar e em meio às dificuldades que o nosso país atravessa, e desejando muito, como ex-aluno apaixonado pela PUC-Rio, que consigamos assegurar a sua perenização, que acredito que a nossa universidade deveria, mais uma vez, ser pioneira e buscar um grupo importante de ex-alunos para estruturar o seu próprio "Fundo de Endowment"!

Tomemos a Universidade de Harvard. O fundo de "Endowment" de Harvard é o maior ativo financeiro da Universidade. Este fundo é uma fonte perpétua de apoio à Universidade e à sua missão de ensino e pesquisa. O fundo é na realidade uma "carteira" composta por mais de 13.000 outros fundos de investimento. As duas maiores categorias de fundos são usadas principalmente para o apoio a professores e alunos, incluindo trabalhos de pesquisa dos professores e ajuda financeira para estudantes de graduação, bolsas de graduação e atividades estudantis.

A cada ano, uma parcela dos resultados do Endowment é distribuída a fim de apoiar o orçamento da Universidade, ao mesmo tempo que uma valorização acima do planejado é mantida na carteira central.

O futuro Fundo de Endowment da PUC-Rio poderia ser pensado e desenvolvido com base neste modelo. E acredito que um bom número de seus brilhantes ex-alunos e que se destacaram muito no Mercado Financeiro brasileiro poderia ser convidado a orientar e a participar da sua estruturação. Seria uma contribuição de valor inestimável para a perenização da Universidade que amamos e do qual tanto nos orgulhamos.

JOSE MARCOS TREIGER
CONSELHEIRO DA AAA-PUC-RIO

Leia na íntegra:
www.puc-rio.br/jornaldapuc

CRÔNICAS DE MEMÓRIA
Memórias do mundo do trabalho

Gávea Operária

Trabalhadores da Fábrica de Tecidos Carioca em frente à Vila Sauer. Revista da Semana, 4 de março de 1901

A *Gazeta de Notícias* registrou, em 1917, rumores de uma greve geral na capital da República: "Os operários do Rio serão arrastados à greve?". A notícia ecoava a apreensão do público com o que era visto como uma onda destrutiva iniciada em São Paulo. O temor que o movimento chegasse ao Rio de Janeiro fundava-se também em eventos registrados desde janeiro daquele ano, a partir da paralização de 1.600 operários das fábricas de tecidos Carioca, Corcovado e São Felix – localizadas na região fabril da Freguesia da Gávea – em solidariedade a colegas demitidos. Em julho, por duas semanas, uma greve geral uniu cerca de cem mil trabalhadores, em reivindicações por melhores salários, condições de trabalho e legalização sindical.

Embates e greves são ícones do mundo do trabalho. Representam, no entanto, apenas uma das dimensões do processo de formação das classes trabalhadoras, de seus laços de identidade e de solidariedade. Além da fábrica, são expressivas as relações familiares e comunitárias, dimensões de afetos e conflitos constitutivas dos sujeitos históricos.

Nos acervos, na memória e na paisagem da cidade, há registros de espaços de sociabilidade das classes trabalhadoras, de suas questões e desafios. Na busca por vestígios da Gávea operária em suas diferentes fases, esbarra-se, por exemplo, com ruínas da fábrica Moura Brasil, com o Carioca Futebol Clube e com raros nomes de rua, como a Mestre Joviniano, operário e maestro da banda de música dos trabalhadores que, como os grevistas de 1917, marcaram a história da região.

As casa e vilas operárias, algumas ressignificadas por novos usos, como a Vila dos Diretórios, na PUC-Rio, ou a Vila Sauer, no Horto, são testemunhos eloquentes da história e da memória dos trabalhadores e, tomadas em conjunto com outros exemplos de moradia das classes populares cariocas, contribuem para a análise do problema histórico da habitação no Rio de Janeiro. Reconhecer a singularidade desses lugares é um primeiro passo para compreensão da cidade e seus desafios.

SILVIA ILG BYINGTON
CAREN FERREIRA
NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

JORNAL DA PUC
Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

COMUNICAR - Vice-Reitor Comunitário: Prof. Augusto Sampaio. **Coordenador-Geral:** Prof. Miguel Pereira. **JORNAL DA PUC - Jornalista Responsável e Editora:** Profª. Julia Cruz (MTE 19.374). **Subeditora:** Profª. Adriana Ferreira. **Chefe de Reportagem:** Profª. Rocélia Santos. **Editores de Arte:** Profª. Mariana Eiras e Prof. Diogo Maduell. **Conselho Editorial:** Professores Adriana Ferreira, Augusto Sampaio, Fernando Ferreira, Julia Cruz e Miguel Pereira. **Anúncios produzidos pela Agência.Com. Coordenadora-Administrativa:** Rita Luquini. **Redação e Administração:** Rua Marquês de S. Vicente, 225, 401-K, 22451-900, Gávea, RJ. **Telefone:** 3527-1140. **E-mail:** jornaldapuc@puc-rio.br. **Impressão:** gráfica Folha Dirigida.

Reconhecimento: Astrônomo recebe o primeiro prêmio em Astrofísica Experimental do Brasil

Asteroide com nome de mestre

Professor Daniele Fulvio atua no Laboratório Van de Graff

ANA CAROLINA SALVADOR

LUCAS SIMÕES

Fulvio estuda física de superfície e molecular e realiza experimentos para simular mudanças que ocorrem na superfície de cometas e asteroides

De aproximadamente 750 mil asteroides descobertos, apenas cerca de 21 mil foram nomeados até hoje. Recentemente, o asteroide 11465 recebeu um nome: Fulvio. Para muitos, mais uma designação. Mas para a equipe do Departamento de Física foi algo que soou familiar. Mais ainda para o professor Daniele Fulvio, homenageado pelo trabalho e pesquisa científica. O asteroide Fulvio está localizado no cinturão principal – que fica entre os planetas Júpiter e Marte –, tem um diâmetro de 12,5 km e baixa refletividade.

Anonimamente, colegas astrônomos indicaram o nome de Fulvio ao Grupo de Trabalho pela Nomenclatura de Corpos Pequenos (CBSN). Uma surpresa para o pesquisador, que só descobriu durante o congresso Asteroids, Comets and Meteors, realizado em abril, em Montevidéu, no Uruguai. Todo ano, a International Astronomical Union (IAU), instituição que nomeia todos os tipos de corpos celestes, atribui nomes de celebridades, figuras públicas, cientistas e lugares famosos a esses corpos.

Fulvio trabalha com o acelerador de partículas no Laboratório Van de Graaff e confessa que não esperava uma homenagem tão cedo, aos 37 anos, já que o orientador dele de doutorado ganhou essa reverência aos 55 anos.

– Do ponto de vista pessoal, eu fiquei muito satisfeito porque é um reconhecimento de um conjunto de trabalhos de vários anos. É como uma distinção da comunidade internacional dos astrônomos. Do ponto de vista profissional, é muito bom carregar o nome da PUC e torná-lo mais conhecido.

Este foi o primeiro prêmio do Brasil em Astrofísica Experimental ou de Laboratório, uma disciplina que surgiu na Europa e nos Estados Unidos há aproximadamente 35 anos e, no Brasil, há cerca de 15 anos. Os astrônomos são divididos em três categorias: os observativos, que fazem observações por telescópios; os teóricos, que trabalham com modelos matemáticos e físicos para estudar as observações; e os experimentais, que desenvolvem ensaios em laboratórios.

A princípio, os asteroides eram designados apenas pelos astrônomos observadores que os descobriam. Eles tinham o direito de intitular um asteroide em um prazo de dez anos e escrever um breve texto com a explicação das razões para a escolha de determinado nome. Com o avanço da tecnologia, agora há programas computadorizados que tornaram esse trabalho automatizado, apesar da presença obrigatória de um técnico. Atualmente, é a equipe da CBSN, formada por 15 astrônomos de todo o mundo, que julga e avalia as propostas de nomes que chegam até ela.

> “Quando criança, mais que físico, eu já tinha uma paixão pela astrofísica”
>
> Daniele Fulvio

Há duas vertentes que tentam definir o que é um asteroide. Por um lado, dizem que ele é uma lembrança dos primeiros momentos de formação do sistema solar; e, por outro, que esse corpo celeste seria o resto de um planeta que estava em formação, mas acabou sendo destruído.

Nascido na Itália, Fulvio chegou ao Brasil há dois anos para trabalhar no Departamento de Física, após descobrir que no Laboratório Van de Graaff havia um acelerador de partículas. A astrofísica é um amor antigo que o siciliano carrega desde a infância.

– Quando criança, mais que físico, eu já tinha uma paixão pela astrofísica. Eu gostava do céu, de tentar explicar o que era aquela luz e uma estrela cadente, por exemplo. Fiz graduação e mestrado em Física, e doutorado em Astrofísica. Estudei nas duas áreas com a ideia de que um físico entende mais dos processos que um astrônomo, que é mais observador.

Atualmente, o professor trabalha com a física de superfície e física atômica e molecular, com principais aplicações em astrofísica. No laboratório, ele realiza experiências para simular processos físico-químicos que ocorrem no espaço, tais como mudanças na superfície de corpos menores do sistema solar, como asteroides e cometas.

Durante 4,5 bilhões de anos, um asteroide costuma receber um fluxo contínuo de partículas emitido pelo Sol, chamado de vento solar. Os meteoritos são fragmentos que se deslocam do asteroide e vão em direção ao Planeta Terra, onde seu exterior queima ao entrar na atmosfera. As pessoas costumam chamá-los de “estrela cadente”. Quando eles chegam na Terra, o espectro (uma forma de analisar a composição mineralógica, física e química de algum corpo) do meteorito é diferente do asteroide do qual ele se originou. Fulvio tenta entender como um corpo chega à Terra com uma aparência tão diferente da original.

– Nós pegamos vários desses meteoritos e botamos nos aceleradores de partículas, simulamos os ventos solares e tentamos reproduzir os efeitos. Isso serve para entender quais são os procedimentos que fazem um meteorito ser tão diferente do asteroide depois de passar pela atmosfera.

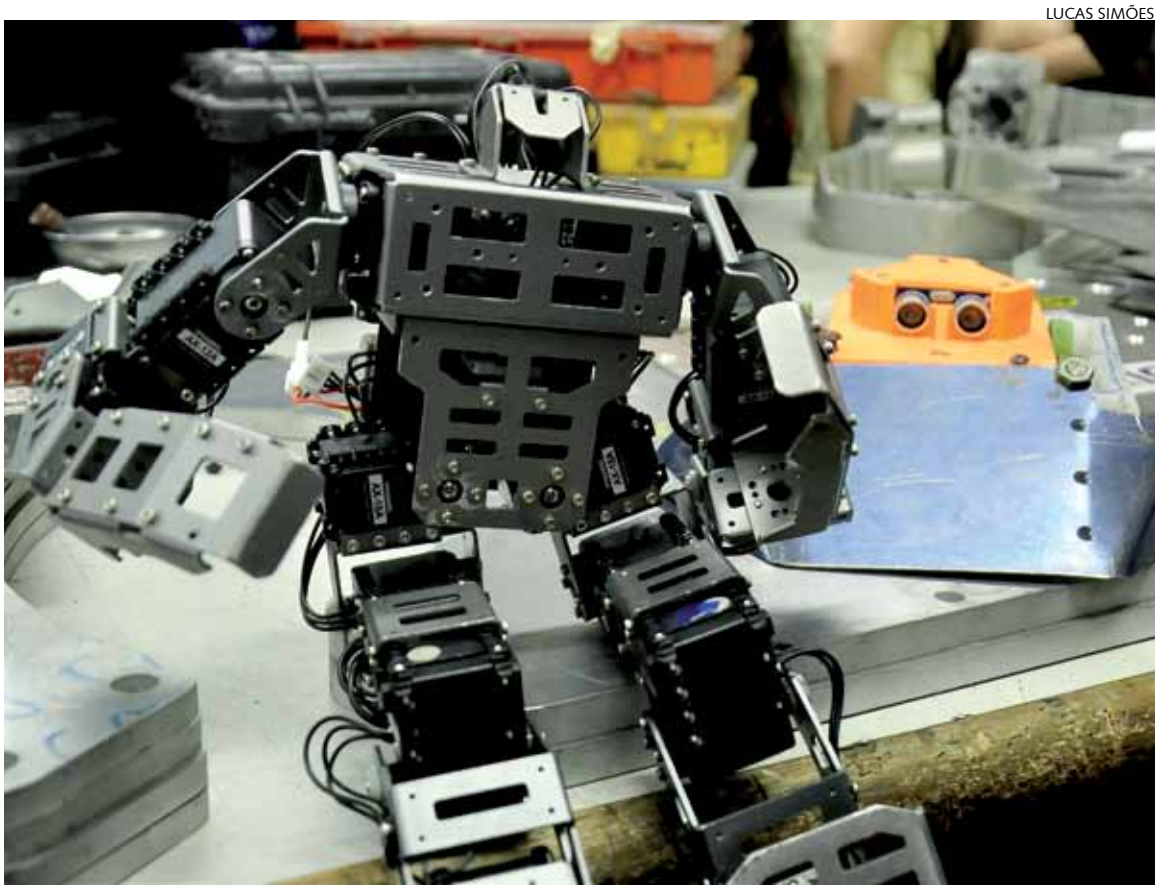
Tecnologia: Estudantes de engenharia representam a PUC e o Brasil em torneios internacionais

Destaque para equipes nos EUA

AeroRio e RioBotz são reconhecidas por mostrar eficiência

ERICK FOTI

LUCAS SIMÕES



De acordo com a programação, o modelo humanoide pode participar da prova de corrida, sumô ou dança

DIVULGAÇÃO

Estudantes da AeroRio preparam o aeromodelo para a etapa do voo

Alunos do Centro Técnico Científico (CTC) viajaram mais de 7 mil quilômetros para representar a Universidade em duas importantes competições internacionais nos Estados Unidos. Entre os dias 21 e 23 de abril, a RioBotz, equipe de montagem de robôs da PUC-Rio, participou da RoboGames, em Pleasanton, Califórnia, e conquistou cinco medalhas de ouro, três de prata e uma de bronze. Com o resultado, o time foi o maior vencedor da última edição. No mesmo fim de semana, a AeroRio disputou a classe Advanced do torneio mundial de aeromodelismo SAE Aero Design East Competition 2017, em Lakeland, na Flórida. A equipe conquistou a melhor posição dentre os competidores latino-americanos com a sexta colocação.

A RioBotz obteve o melhor resultado em 11 edições que participou da RoboGames, com um ouro a mais do que em 2016. Os robôs da área de humanoides se destacaram, com as vitórias de Usain Volt, na prova de corrida, e Spider Volt, no sumô. Além deles, os solares Apollo e Invictus e o robô de combate autônomo Mini Maloney+ conquistaram a medalha dourada. Nas provas de subida de escadas e Freestyle, Usain Volt garantiu a medalha de prata, assim como o Spider Volt, no Kung Fu.

Na categoria Middleweight (54kg), o robô Touro garantiu a medalha de bronze pelo segundo ano consecutivo. A grande decepção foi a derrota do robô Touro Maximus, na categoria Heavyweight (100kg), que ficou preso no ringue e foi eliminado antes das semifinais. Apesar disso, o orientador da equipe, professor Marco Antônio Meggiolaro, do Departamento de Engenharia Mecânica, amenizou a derrota e destacou a importância da estratégia na conquista de resultados positivos.

– Mesmo que o nosso competidor seja favorito, nem sempre teremos tempo hábil para trocar os componentes e preparar o nosso robô para a próxima luta. Isso também influencia nos resultados. Principalmente quando os adversários se mostram muito fortes. Apesar de sempre esperarmos resultados melhores, nosso desempenho foi excelente.

Capitão da RioBotz e aluno do 7º período de Engenharia Mecânica, Gabriel Reis destacou a importância da cooperação entre as diferentes áreas para a conquista de bons resultados. Segundo o estudante, foi difícil conciliar as obrigações acadêmicas com a preparação para o torneio, mas a equipe trabalhou bastante para deixar os 19 robôs competidores prontos para a viagem.

> “Antes da competição, trabalhamos noite e dia, durante uma semana”
>
> Gabriel Reis

– Antes da competição, trabalhamos noite e dia, durante uma semana. Pedimos segunda chamada quando temos provas marcadas para a mesma data das competições, mas depois do torneio corremos atrás das notas.

Com a AeroRio não foi diferente. A equipe de aeromodelismo da Universidade trabalhou intensamente e desenvolveu um projeto completamente novo nos três meses que antecederam a SAE Aero Design East Competition 2017. O curto tempo de preparação ocorre porque, para participar da etapa mundial, é necessário obter a classificação no campeonato nacional, e os requisitos de projetos para as duas competições são completamente diferentes.

O resultado final do torneio internacional foi calculado pela média obtida nas três etapas de avaliação: relatório técnico, apresentação oral e prova de voo. Segundo o estudante do 9º período de Engenharia Mecânica e piloto do aeromodelo Pablo Milheiro, a equipe garantiu a quarta colocação no relatório técnico, que foi muito elogiado pelos jurados e engenheiros da competição. Ele contou que a maior dificuldade da AeroRio surgiu quando, antes das provas de voo, um problema no sistema de comunicação com a aeronave impediu que a equipe participasse de duas das quatro baterias dessa etapa.

Mesmo assim, os estudantes da PUC-Rio conseguiram garantir a sexta colocação geral. Além do resultado, o capitão e mestrando de Engenharia Elétrica, Igor Lins e Silva, festejou a evolução da AeroRio na elaboração do relatório e destacou a maior confiabilidade dos últimos projetos da equipe. Segundo ele, essa segurança permite a realização de mais testes com os aeromodelos e torna possível traçar estratégias de competição.

Professor do Departamento de Engenharia Elétrica e orientador da AeroRio, Eduardo Costa da Silva destacou a importância da Universidade no bom desempenho das equipes. Para ele, as diversas áreas de conhecimento da PUC-Rio permitem a formação de projetos complexos com múltiplas especificidades acadêmicas que se complementam.

– A PUC incentiva as pesquisas científicas e o desenvolvimento tecnológico. A AeroRio conta com a participação de alunos de diversos departamentos do CTC. O conhecimento transmitido pelos professores e o esforço e interesse dos alunos são cruciais para o sucesso das nossas equipes.

Agenda Socioambiental: Estagiários do PIBIC estudam temas como biodiversidade para atualização de Carta de 2009

Metas para a sustentabilidade

Revisão do documento será apresentada na Semana do Meio Ambiente

LUCAS SIMÕES

Os estudantes Conrado Carvalho, João Pedro Menezes e Mariana Vieira pesquisam assuntos como resíduos sólidos e água para revisão da Agenda

ELISSA TAUBLIB

Em vigor desde 2009, a Agenda Socioambiental da PUC-Rio é um acordo coletivo que visa tornar a Universidade sustentável por meio de metas de curto, médio e longo prazo. Após um levantamento realizado por estagiários do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq), uma revisão da Carta será apresentada na XXII Semana do Meio Ambiente, em junho deste ano, para que ela seja consolidada em novembro. Resíduos sólidos e biodiversidade foram alguns dos assuntos estudados pela equipe interdisciplinar de pesquisadores, que foram divididos em grupos de trabalho e auxiliados por professores e estudantes voluntários.

Esta é a primeira revisão do documento institucional, que passou a incluir, este ano, a palavra socioambiental no nome. Estagiária do PIBIC, Mariana Vieira ressalta a mudança na denominação e no conteúdo da Agenda. A aluna de Arquitetura e Urbanismo afirma que o foco da versão inicial da Carta estava no meio ambiente sem abordar a mobilidade e os espaços construídos e de convivência no Campus – temas analisados na pesquisa da estudante. Ela destaca, ainda, que o documento não tinha prazos determinados para os objetivos, o que dificultou a execução das sugestões apresentadas.

– A proposta era, por exemplo, reduzir a quantidade de carros. Mas em quanto tempo e em quantos por cento? Não havia essas informações. A diferença de ter essa revisão é incluir o aspecto social, o papel do estudante e o espaço que ele ocupa aqui dentro, e definir essas novas metas numéricas.

Mariana explica que a intenção do grupo de trabalho dela é a de analisar a relação do usuário com o Campus, por meio de observação e registros fotográficos da ocupação dos ambientes da PUC. De acordo com a estagiária do PIBIC, há uma demanda por espaços que se adequem às necessidades dos estudantes. Ela aponta para a falta de tomadas para carregar o computador no bosque e o fato de os alunos que não estudam no IAG não poderem ter acesso ao Wi-Fi do prédio. Mariana acredita que a circulação de carros na Universidade deveria se limitar a determinadas vias.

– Se você reduz a quantidade de vagas, automaticamente a pessoa é obrigada a se adequar a uma nova condição de sustentabilidade. Também tentamos melhorar a acessibilidade, porque não há muito lugar para parar a bicicleta aqui dentro. Achamos que, se existissem mais opções, mais alunos viriam por esse meio de transporte.

> “Esse momento de revisão é importante para pensar novos desafios”
>
> Conrado Carvalho

A aluna de arquitetura relata que, por conta da vivência no Campus, os estagiários envolvidos na revisão já sabem para onde direcionar o levantamento. Estudante de Engenharia Civil, Conrado Carvalho diz que incluir os alunos para aplicar e promover a Agenda diz respeito a uma inserção do corpo discente no debate do assunto.

– Precisamos de gente para participar, dar depoimentos do que pode melhorar. Nós somos alunos, mas já estamos nesse ambiente de criação da Agenda, muitos nem sabem que ela existe. Trata-se de disseminar essa ideia para a população da PUC – diz.

Responsável pela análise de água, energia e resíduos sólidos, Carvalho comenta a necessidade de as pessoas saberem separar o lixo corretamente. Mas, segundo ele, essa é uma ponta da cadeia: há um trabalho complexo que envolve a parte de coleta, gestão e funcionários. O estagiário ressalta que o documento constrói um padrão no tratamento da sustentabilidade.

– A PUC já tem uma pegada bem ambiental, até pelo Campus ser bem verde. Mas, o principal obstáculo hoje é a descentralização. Pretendemos organizar as informações relacionadas à sustentabilidade, que são hoje muito difusas, o que impede um avanço nessa área.

Encarregado pelo estudo da biodiversidade, João Pedro Menezes observa que há falta de trabalhos sobre o ecossistema da Universidade. Para o estudante de Ciências Sociais, apesar do grande número de pesquisadores e áreas verdes no Campus, os alunos de Biologia costumam estudar apenas ambientes como Mata Atlântica e Caatinga. Para incentivar a interação com a biodiversidade local, Menezes defende medidas como espalhar sinalizações sobre os animais que habitam a Universidade. Ele alega que a execução dos objetivos da Agenda depende da inclusão de toda a comunidade PUC.

– Com a Laudato Si', a nova Encíclica do Papa Francisco, e um reitor biólogo, que estuda botânica, há uma estrutura que possibilita que a Agenda saia do papel. Esse momento de revisão é importante para pensarmos os novos desafios. É algo muito bonito da Universidade: apresentar uma visão crítica sobre ela mesma, e propor algo novo com a participação dos alunos.

As revelações de 1917

Como a padroeira de Fátima restaurou a fé durante o ano de explosões sociais e econômicas

BELL MAGALHÃES E THAYS VIANA

A aparição de Nossa Senhora do Rosário de Fátima completou cem anos em maio deste ano. Nos festejos do centenário, em visita à cidade de Fátima, Portugal, o Papa Francisco canonizou os irmãos Jacinta e Francisco, que teriam testemunhado a revelação da Virgem. Entre os meses de maio e outubro, Nossa Senhora apareceu seis vezes para Lúcia, de 10 anos, Jacinta, de 7 anos, e Francisco, de 8 anos, popularmente conhecidas como os três pastorinhos. A maioria das manifestações ocorreu no dia 13, em um lugar conhecido como Cova da Iria, um terreno da família de Lúcia, na cidade de Fátima, em Portugal.

A cada encontro, a Virgem Maria pedia que eles rezassem o terço todos os dias pela paz no mundo e fizessem penitência pela conversão dos pecadores. Apesar de sofrerem com perseguições por parte dos poderes públicos, e até terem sido mantidos em cárcere, no mês de agosto, para evitar a possível aparição, os três nunca negaram a visão. Nos encontros, Nossa Senhora revelou a essas humildes crianças portuguesas os chamados três segredos de Fátima. Cada aparição gerava mais credibilidade e chamava ainda mais atenção para novos curiosos. Na última revelação, no dia 13 de outubro, havia quase 70 mil pessoas que, segundo relatos da época, teriam testemunhado "o milagre do sol", em que o sol parecia mover-se e girava sobre si mesmo.

Segundo a Igreja Católica, o primeiro segredo falava sobre uma visão do inferno e a perda das almas durante a Primeira Guerra Mundial. O segundo dizia que se os homens não se corrigissem viria um castigo sobre as nações em forma de Segunda Guerra, e a Rússia espalharia os erros pelas nações do mundo. Já as explicações do terceiro segredo, que só foi revelado no ano 2000, foram visões sobre o século XX e são consideradas dogmas da fé. Em uma das partes da visão, um bispo vestido de branco (o Papa) é ferido de morte e cai

por terra, que foi interpretado, décadas depois, como o atentado que o Papa João Paulo II sofreu em 1981, na Praça de São Pedro.

Francisco e Jacinta morreram pouco tempo depois das aparições, em 1919 e 1920, respectivamente, vítimas da gripe espanhola que se alastrava na Europa. Já Lúcia seguiu a vida religiosa e entrou para o convento da Ordem das Carmelitas Descalças. Ela morreu em 2005, e o processo de canonização dela prossegue no Vaticano. O que realmente marcou os cristãos portugueses não foram os segredos em si, mas o fato de Maria ter escolhido se revelar em Portugal para crianças pobres e simples. Segundo a professora Luísa Maria Almendra, da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa (UCP- FT-Portugal), os mistérios citavam a Rússia e o Santo Padre, porém, o mais importante para a sociedade portuguesa foi o olhar de Maria e a presença dela em terras portuguesas.

– Claro que o segredo foi importante e sempre houve a curiosidade de saber as diferentes partes dele, mas não foi o que mais marcou. Eu acredito até que muitos nem saibam o que eles significam, nem nunca ligaram para isso.

A professora emérita Lina Boff, do Departamento de Teologia da PUC-Rio, diz que quem cita as aparições não é a Igreja, mas o povo. Ela acrescenta também que o magistério da Igreja não nega nenhuma das manifestações, porém, como não existem provas concretas do surgimento de Nossa Senhora de Fátima, a posição da Igreja é de respeito e apoio.

– O mais importante é que essas visões sempre trazem uma mensagem de vida cristã, conversão, oração, jejum, perdão dos pecados, aceitação do outro. É uma mensagem de bem. No fundo, isso é estudado pela fenomenologia, como um fenômeno, uma visão, mas não podemos provar com algo tangível.

Nos últimos anos, a cidade de Fátima foi visitada pelos Papas Paulo VI, João Paulo II e, recentemente, pelo Papa Francisco. A professora Luísa Maria afirma que essa canonização serviu para fortalecer o que foi Fátima há cem anos, para reacender a fé cristã em Portugal.

– Esse episódio veio, por um lado, reforçar esse vento que foi Fátima e também despertar a população cristã do país para a mensagem que esse vento trouxe, que é pensarmos nos outros.

> **“Deus usa Maria para mostrar que está presente, por meio de crianças”**
>
> José Ariolvaldo da Silva

O professor José Ariolvaldo da Silva, do Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis (ITF-Petrópolis), observa que, naquela época, as pessoas não tinham tanto contato com a vida cristã, viviam em um período conturbado. De acordo com ele, Maria se sentiu provocada por também ter passado por fases assim em sua vida humana.

– Deus usa Maria para mostrar que está presente, por meio de crianças humildes. Elas eram espaços abertos para acolher a presença de Deus. É isso que estamos precisando. Nosso ego está tão carregado que bloqueamos a ação de Deus dentro de nós. No fundo, a preocupação que Maria tem é de acordar o povo. As pessoas estão adormecidas e distraídas. Para mim, o segredo de Fátima está aí verdadeiramente.

Aviso de incêndio

As inquietações vividas pela humanidade, mencionadas pelo professor José Ariolvaldo da Silva, começaram no início do século XX, com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), liderada pela Alemanha. O antagonismo econômico e político-militar entre as principais potências da Europa foram fatores determinantes para o início do conflito. A mudança no arranjo da guerra em volta das águas da Europa provocou a entrada dos Estados Unidos na guerra.

No Brasil, um país fundamentalmente agrícola, o conflito mundial soava apenas como um eco, cujos efeitos ficaram restritos às dificuldades econômicas. Com a ampliação da guerra submarina, inclusive aos navios de países neutros que navegassem nas águas da Europa, o comércio brasileiro passou a ter embarcações ameaçadas. Isso se confirmou depois dos ataques aos navios brasileiros Tijuca e Paraná, no litoral da França, e os mercantes Guahyba e Acary, em Cabo Verde. De acordo com o professor Fernando Vieira, do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), o Brasil já havia rompido relações com a Alemanha quando o Tijuca foi torpedeado.

– A medida tomada pelo governo foi o confisco 42 barcos alemães que se encontravam em portos brasileiros como indenização pelo ato de guerra. Os outros navios foram afundados ao longo de 1917, com o Brasil já em guerra contra a Alemanha.

A entrada dos Estados Unidos e da Grécia na Primeira Guerra reforçou o apoio aos Aliados — conjunto de países que lutaram contra os Impérios Centrais — como resultado da Tríplice Entente. Apesar da junção, os aliados sofriam derrotas intensificadas pelo combate aéreo. Na Europa, amedrontada pelo conflito, os ideais antiguerra se alastraram por todo o território, o que contribuiu para surgirem manifestações pacíficas em diversas cidades europeias. O Papa Bento XV, conhecido como o primeiro Papa pacifista, tomou uma posição pública sobre a Guerra. Ele declarou que a batalha era um “massacre inútil” que banhava o mundo de sangue e pediu o fim da Primeira Guerra Mundial.

Para garantir mais aliados durante o conflito armado da Primeira Guerra, a Declaração de Balfour foi um divisor de águas para a Grã-Bretanha no começo do século XX. A carta, redigida pelo então secretário britânico dos Assuntos Estrangeiros, Arthur James Balfour, ao Barão Rothschild, líder da comunidade judaica do Reino Unido, tinha a intenção de facilitar a constituição de uma pátria judaica na Palestina, caso a Inglaterra conseguisse derrotar o Império Otomano, que dominava a região. A carta de Balfour manifestava mais os interesses geopolíticos de Londres na região do que um apoio do Reino Unido ao movimento sionista. Mas, segundo Vieira, a declaração fortaleceu o movimento sionista europeu político e economicamente.

— As compras de terras de palestinos por imigrantes judeus aumentaram e, com isso, eles passaram a ter maior presença na região e cobravam do governo britânico o cumprimento da declaração.

Com a intensificação dos conflitos entre árabes e judeus, Londres não conseguiu sustentar a própria posição dentro do acordo e, em 1947, a Organização das Nações Unidas (ONU) sentenciou a divisão da Palestina em dois Estados: um para os judeus e outro para os árabes.

No Oriente, a Rússia vivia um clima de tensão, rodeada por greves e rebeliões. Em fevereiro de 1917, o czar Nicolau II foi forçado a abdicar em razão da constante desobediência militar e civil. Posteriormente, um Governo Provisório foi instalado e Alexander Kerensky, um dos líderes da Revolução de Fevereiro, foi nomeado como Ministro da Justiça. As reformas proteladas durante a vigência do sistema apontavam as fragilidades e instigavam a rejeição do povo. O Governo Provisório foi derrubado pelos bolcheviques, comandados por Leon Trotsky e Vladimir Lênin, que mais tarde instalaria o socialismo e criaria a União Soviética.

O ano de 1917 apontou as crises que o mundo enfrentaria ao longo do tempo. As primeiras décadas do século XX foram, segundo o professor Leonardo de Carvalho, do Departamento de História, de desencanto da euforia que existia anteriormente.

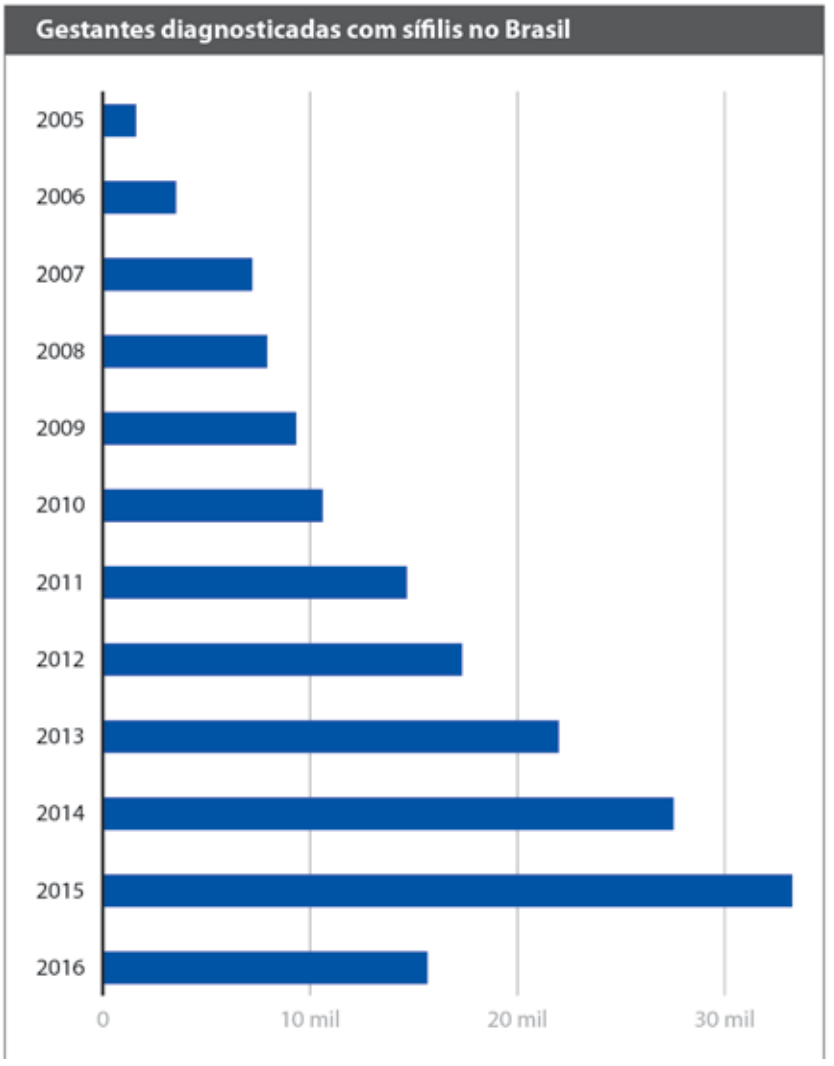
– É um momento em que esse desencantamento com a promessa de que o mundo provavelmente caminhava no sentido mais emancipador, de maior aperfeiçoamento, já tinha se modificado. O ano de 1917 foi um aviso de incêndio para as futuras crises – conclui.

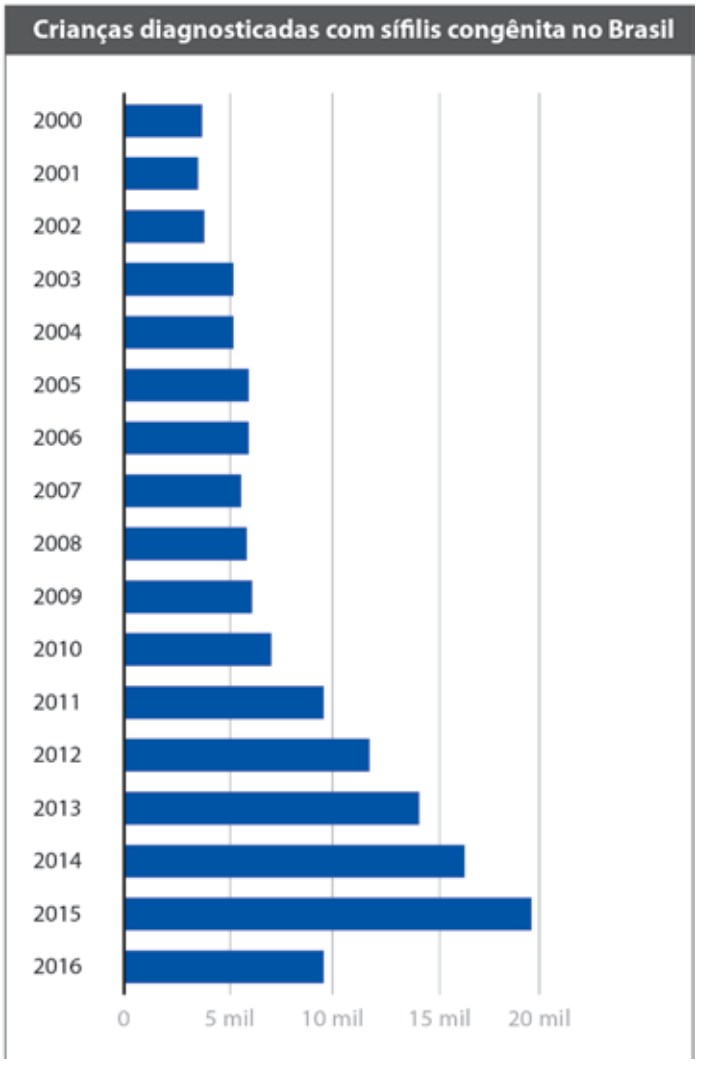
Saúde: Aumento no índice de casos de doenças sexualmente transmissíveis (DST) alerta para falta de prevenção sexual

País em alerta para a epidemia de sífilis

Cresce o número de crianças e gestantes contaminadas

DIOGO MADUELL





MARCELO ANTONIO FERREIRA

Considerado um dos maiores artilheiros da história do Botafogo, Heleno de Freitas morreu aos 39 anos sozinho, internado em um hospício, vítima de uma doença sobre a qual pouco se fala: a sífilis. Sexualmente transmissível, a sífilis é considerada, hoje, em situação de surto. Em outubro de 2016, o Ministro da Saúde, Ricardo Barros, declarou que o Brasil enfrenta uma epidemia. De acordo com as estimativas do Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, em 2015, 65.878 pessoas a adquiriram.

O paciente adquire essa patologia pela bactéria *treponema pallidum*. São três fases: primária, secundária e terciária. Uma das principais causas da epidemia é que, tanto em homens quanto em mulheres, nas duas primeiras fases, ela é pouco sintomática. Na primeira fase, os sinais costumam ser um machucado pouco doloroso nas genitálias, que também pode aparecer na boca e na garganta; na segunda, manchas pelo corpo, e, em ambas fases, os indícios somem sem tratamento médico, o que não significa cura.

Na fase terciária, que pode aparecer em um espaço de tempo que pode variar, em média, entre dois a 15 anos, os sintomas são mais intensos. Surgem lesões destrutivas da pele, problemas cardiológicos e neurológicos que podem levar à demência e, consequentemente, à morte, como foi o caso de Heleno de Freitas.

O tratamento da doença é simples. Na maioria das vezes, é feito com penicilina injetável e, depois de debelada, a bactéria não volta a aparecer. O médico infectologista Alberto Chebabo explica que o principal fator no aumento de incidência de casos é a falta de prevenção sexual e que o aumento de casos não se restringe ao Brasil.

– As pessoas não utilizam preservativo, apesar da recomendação. E não é só a sífilis, todas as DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis), inclusive o HIV, têm aumentado nos últimos anos. Principalmente na população mais jovem e muito na comunidade de homens que fazem sexo com homens. Mas, de uma forma geral, a sífilis é uma doença de altíssima infectividade. A facilidade de transmissão é muito grande. E acontece no mundo inteiro. Há relatos de aumento de sífilis em vários locais. E pelos mesmos motivos que o Brasil, muito pelo fato de as pessoas não se precaverem

Os índices do Boletim Epidemiológico indicam que, na Região Sudeste do país, 37.056 pessoas adquiriram a doença por vias sexuais, e 3.325 casos foram registrados no Rio de Janeiro. Chebabo conta que um dos agravantes nessa epidemia pode ser a falta de divulgação.

– A sífilis é uma doença muito fácil de ser diagnosticada. O exame de diagnóstico é simples, barato e fácil de se fazer, tanto nos laboratórios privados quanto públicos. Temos tido poucas campanhas de orientação e divulgação dos riscos. Há uma questão de conscientização importante.

De acordo com o interlocutor de DST do Programa Estadual de DST/AIDS da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, infectologista Valdir Monteiro, o fato de, hoje, as pessoas notificarem a existência da doença, e os números serem elevados, aponta para um cenário preocupante: a falta de cautela.

– A prática de sexo desprotegido (sem uso de preservativo) é um grande fator para a transmissão da infecção. Aqui no Brasil, o aumento do número de casos de sífilis pode ser explicado também pela maior oferta de exames diagnósticos, inclusive com uso de testes rápidos, bem como melhoria da notificação de casos pelos profissionais de saúde. A sífilis adquirida é de notificação compulsória no país desde 2010, e, cada vez mais, profissionais têm notado o aumento da doença.

Os casos de crianças que já nascem com a doença, a sífilis congênita, também aumentaram. Em 2000, foram 3.674 registrados; em 2015, o número subiu para 19.235. A infecção ocorre durante a gestação ou pela amamentação. O professor e obstetra Jorge Rezende Filho, da Escola Médica da PUC-Rio, observa que qualquer infecção na gravidez é um risco, e as consequências são das mais distintas.

> “Temos tido poucas campanhas de orientação e divulgação dos riscos”
>
> Alberto Chebabo

– Dependendo da fase que o feto tem contato com o agente da infecção, a repercussão varia. Muito no início, isso acarreta até um abortamento, porque o embrião para de se desenvolver. Isso nas primeiras oito semanas, geralmente. No primeiro trimestre, isso resulta nas malformações, pois essa é a fase chamada de embriogenia, quando os órgãos e estruturas estão sendo desenvolvidos. E o contato com vírus e bactérias pode acarretar alterações de desenvolvimentos de diversos sistemas, e em especial na sífilis, alterações neurológicas.

Fé: Grupo de jovens católicos da Universidade participa de movimento para compartilhar ensinamentos do cristianismo

Projeto de liderança voltado para o outro

Eixos do MOVE são formação humana, espiritural, pastoral e intelectual

THAÍS SILVEIRA

O desejo de criar um programa de liderança católica e de formação integral originou o MOVE. Iniciativa do Reitor da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, padre Alexandre Paciolli, o projeto tem como eixos a questão humana, espiritual, pastoral e intelectual. O nome veio da ideia de movimento e mobilização, e as missões realizadas pelo grupo justificam esse título. Em abril deste ano, durante a Semana Santa, e em julho do ano passado, o MOVE foi à Ilha do Araújo, em Paraty, para levar o catolicismo aos moradores da região. Segundo padre Alexandre, as missões têm a finalidade de oferecer benefícios humanos e materiais, além de conhecimento sobre a fé e união à comunidade.

A primeira turma do projeto, o MOVE 1, foi criada no início do ano passado. Atualmente, são três, com uma média de 15 participantes. São realizadas reuniões semanais temáticas e cada uma tem um orientador, que, em geral, já passou pelo programa. Também há um acompanhamento do padre Alexandre, que fornece direção espiritual aos integrantes. Segundo ele, é importante desenvolver o grupo com o objetivo de preparar intelectualmente jovens que tenham atitude dentro de uma formação integral.

– Sempre busquei ser líder dentro da minha fé. Desde pequeno, minha mãe me levava para ajudar pessoas pobres. Quis oferecer aos jovens um projeto de liderança.

De acordo com a estudante de Comunicação Social Michele Souza, que faz parte do grupo, é importante desenvolvê-lo na PUC para que os cristãos tenham companhia durante o período universitário.

– A faculdade é um momento de descoberta e, antes do MOVE, não havia uma mobilização centralizada de cristãos na Universidade. Por isso, ter esse grupo aqui é enriquecedor.

Nas ações em Paraty, os participantes abordavam os moradores de porta em porta com passagens bíblicas, e, se as pessoas se interessassem, eles conversavam e faziam orações. À noite, havia celebrações na Igreja. O programa foi coordenado com o pároco local, e eles visitaram áreas afastadas da cidade, onde a presença da Igreja é menor. De acordo com Michele, a presença do MOVE fortalece o catolicismo na região. Responsável pelas missões, a estudante de Teologia Natasha Ribeiro sempre quis participar de um trabalho voluntário. A oportunidade surgiu por meio do programa.

– As missões são a religião na prática. Com elas, consegui valorizar a minha vida vendo a dificuldade do outro. É diferente de ter espiritualidade e guardá-la para si mesmo.

> “Sempre busquei ser líder dentro da minha fé”
>
> Padre Alexandre Paciolli

Michele ressalta que as ações em Paraty foram uma grande troca de experiências.

– Os idosos acabam ficando esquecidos. Faz muito bem para eles e para nós. Nunca tive uma experiência parecida. Achamos que nós levamos algo, mas, na verdade, estamos recebendo.

A questão espiritual desenvolvida pelo MOVE também mudou a vida do estudante de Administração Pedro Haddad: ele descobriu a vocação sacerdotal no grupo. Antes, ele já era católico, mas não praticante. O aluno se refere à expressão em latim *duc in altum*, que significa mergulhar em águas profundas da fé, para definir o MOVE. Haddad observa que há muito desconhecimento com relação ao catolicismo e, segundo ele, é muito importante que o programa proporcione o encontro diário com Cristo.

– Muitas vezes eu neguei a minha vocação. Achava que ser padre não era para mim. Mas, com o MOVE e uma direção espiritual, meu norte se abriu. Como dizia São João Paulo II, precisamos ser santos de calças jeans.

O próximo passo do grupo é preparar uma missão de paz em Belém, Israel, em dezembro deste ano. Eles vão visitar famílias indicadas pelo pároco local que precisam de ajuda.

– O espaço é muito pessoal, mas é transformador. Movimenta a própria vida – finaliza Michele.

MICHELE FREITAS

Na missão na Ilha do Araújo, em Paraty, os jovens do MOVE organizaram celebrações na Semana Santa

Artes Cênicas: Estudantes exercem funções diferentes em espetáculos montados no campus

Repertório para uma coletividade

Integração do grupo no palco e nos bastidores é essencial

MARCELO ANTONIO FERREIRA

FOTOS ALEXANDRE BRAUTIGAM

No espetáculo 'ANÁNKÊ' os atores se espalham por toda a área externa do Laboratório de Artes Cênicas (LAC), em colagem de diferentes autores

O Curso de Artes Cênicas apresenta, entre os meses de maio e julho, o Projeto Repertório, composto por três peças teatrais que ocorrem em diferentes ambientes do campus. O projeto foi idealizado, assim como todos os espetáculos são dirigidos, pela coordenadora do curso, professora Ana Kfouri, e são remontagens de textos que ela criou com os alunos em períodos anteriores. Toda a produção é de responsabilidade dos estudantes envolvidos, que também assinam a dramaturgia.

A primeira, *Obsessões*, ocorre no Laboratório de Artes Cênicas (LAC) e adapta textos de Nelson Rodrigues. Já *ANÁNKÊ* é ambientada na área externa do LAC e traz textos de diversos autores como Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto e Fernanda Young. Os textos da dramaturga Hilda Hilst serviram de inspiração para a montagem de *Boca de Miséria*, cuja Vila dos Diretórios serve como cenário. A criação do projeto ocorreu quando Ana percebeu que já havia trabalhos significativos desenvolvidos com os alunos nos semestres anteriores. Ela considerou que seria uma excelente oportunidade, durante a graduação, de os estudantes vivenciarem a experiência de três espetáculos em cartaz durante dois meses.

– No segundo semestre de 2015, meu primeiro semestre aqui, lecionei a disciplina atuação. Minha pesquisa é em torno da relação palavra e corpo, palavra e espaço e, principalmente, a palavra entendida como campo de forças, potência e não como mensagem. Escolhi Nelson Rodrigues, pois ele aborda muito mais o sentido trágico, o campo intensivo e não intencional, aspecto necessário para meu trabalho. E, devido a entrega deles, surgiu o *Obsessões*.

A presença dos alunos é integral. O projeto começa bem antes de eles entrarem em cena. Toda a iluminação, customização e burocracia relativa ao uso dos espaços são de responsabilidade dos estudantes. E, de acordo com Ana, a coletividade foi um fator imprescindível para a realização.

> **“Eles estão sempre envolvidos. Existe um senso de coletivo”**
>
> Ana Kfouri

Em 'Boca de Miséria', alunos ocupam várias partes da Vila dos Diretórios

– Eles estão sempre envolvidos. Há alunos que têm mais aptidão para produção, iluminação, design. O projeto estimula muito um senso do coletivo. As pessoas que estão produzindo, gostam de produzir. Elas têm o prazer da realização, do fazer diário, e aprendem, desde já, a lidar com as diferenças. O fazer diário estimula a atuação deles em vários setores das artes cênicas. Todos assinam a dramaturgia. Eles leem, selecionam trechos, estudam, e, aos poucos, constroem o roteiro dramatúrgico como um todo, com a minha supervisão, mas isto é um avanço muito grande.

As escolhas de como cada um viria a se envolver veio de maneira gradativa. Os grupos não se limitam a só uma peça, mas se envolvem com o projeto inteiro. Abílio Sanz é aluno do 6º período do curso e ator em *Obsessões* e *Boca de Miséria*. Ele conta que todos criaram uma relação profissional com a proposta.

– O Repertório está trazendo para a gente uma construção de teatro mesmo. Como grupo, construímos e caminhamos juntos, como um coletivo, o que influencia no resultado final. Mostra para gente o quanto isso está em falta lá fora, do teatro como coletivo. Todos estão completamente inteirados no processo. Seja na atuação, na iluminação ou na ambientação.

Jean Alves Albuquerque e Ana Paula Rolón são alunos do 3º e 5º período, respectivamente, e atuam, não só no palco, mas também nos bastidores. Além de atores, ambos são assistentes de iluminação e de produção. Ana Paula observa que conhecer um pouco de cada processo é enriquecedor para o ator, pois, ao entrar em cena, ele tem mais noção do que deve fazer no palco. Albuquerque conta que, atrás das cortinas, eles desenvolvem diferentes aptidões.

– É muito importante participar não só da cena. A gente aprende a produzir e a se produzir. Foi bem espontâneo. Com o projeto, a gente ganha não só como atores, mas como pessoas e artistas. E os atores também participam da iluminação, pois nem todas as luzes estão conectadas à mesa de luz. É um trabalho totalmente coletivo, um depende do outro.

Comportamento: Exposição no Centro Cultural Banco do Brasil apresenta a evolução do biquíni desde o século XIX

Duas peças com muita história

Criada na França, roupa de banho é identificada com a cultura brasileira

THAÍS SILVEIRA

FOTOS MATHEUS AGUIAR

Manequins mostram as transformações que o traje de banho e o biquíni sofreram ao longo das décadas

Em 1946, uma bomba atômica explode no Atol de Bikini, no Oceano Pacífico – a primeira de uma série realizada ao longo de 12 anos de testes dos Estados Unidos. No mesmo ano, uma invenção inspirada no nome da ilha revolucionaria o comportamento da mulher. Criado na França pelo estilista Louis Réard, o biquíni foi uma mudança do traje de banho que revelou algo sempre muito escondido: o umbigo. Em comemoração dos 70 anos da peça, o Centro Cultural Banco do Brasil apresenta a mostra *Yes! Nós Temos Biquíni*, que vai até o dia 10 de julho. Com 120 obras e curadoria da jornalista Lilian Pacce, a exposição passa pelos diferentes modelos de biquínis ao longo das décadas, além de apresentar obras de artistas e fotógrafos como Beatriz Milhazes, Bob Wolfenson e Vavá Ribeiro sobre as duas peças polêmicas do vestuário.

Logo na primeira sala, o visitante se depara com as primeiras roupas de banho do fim do século XIX, de acervos que representam a evolução do biquíni. As roupas de lã dão lugar a uma espécie de maiô, mais esportivo, até chegar ao modelo duas peças, que ainda cobria o umbigo. Com o passar dos anos, surge a tanga, com a calcinha de cintura baixa, o asa-delta, cavado e de cintura alta, o fio-dental, entre outros. A sala seguinte é dedicada às criações dos indígenas na construção do biquíni no Brasil, com as tangas de cerâmica, que datam do período pré-colombiano. É bom lembrar que o banho de mar já era comum para eles muito antes dos europeus adotarem a prática. A professora de História da Moda Silvia Helena Soares, do Departamento de Artes & Design, comenta que o boom do biquíni no país envolveu novos hábitos dos brasileiros.

> **“Há um discurso de que só pode usar a peça quem está no padrão”**
>
> Silvia Helena Soares

A primeira sala da exposição apresenta uma linha do tempo com fotos icônicas da trajetória do biquíni

– Nada acontecia na praia. Depois, ela começou a ser frequentada por uma questão de saúde. E, aos poucos, conforme fomos descobrindo a identidade brasileira e as peculiaridades da cidade, a praia passa a ser um lugar de entretenimento. A roupa de banho acompanha isso.

Ao longo da mostra, a liberação feminina e a imposição de padrões são colocadas em questão. Em uma das salas, artistas como Marcela Tiboni e Elen Braga exploram a ideia do “corpo de praia”, que é comumente associado a um corpo magro. Silvia observa que a ditadura da beleza está associada ao biquíni.

– Há um discurso de que só pode usar a peça quem estiver no padrão. Mas existe um feminino empoderado que busca outros discursos. Há uma contramão.

O interesse pelo comportamento da mulher atraiu uma senhora, que se identificou apenas como Maria Helena. Ela relembrou a revolução do biquíni há 50 anos.

– Eu coloquei o biquíni na mala da minha lua-de-mel, em 1967, para o meu marido se habituar à peça. Ele se assustou. Depois, com a ascensão da liberdade da mulher, se tornou cafona não usar biquíni.

Apesar de a peça ter surgido na Europa, a professora Silvia observa que o Brasil é internacionalmente conhecido pela moda praia. Em uma sala da mostra, manequins expõem biquínis de marcas como Lenny Niemeyer, Salinas e Triya. Ao fundo, cenas de modelos desfilando nas passarelas. Imagens icônicas de fotógrafos ajudam a criar a identidade desse produto de exportação brasileiro, desde os #365Nus de Fernando Schlaepfer, que mostram a marquinha de biquíni, aos registros de Cartiê Bressão, personagem do artista Pedro Garcia de Moura que retrata o Rio de Janeiro.

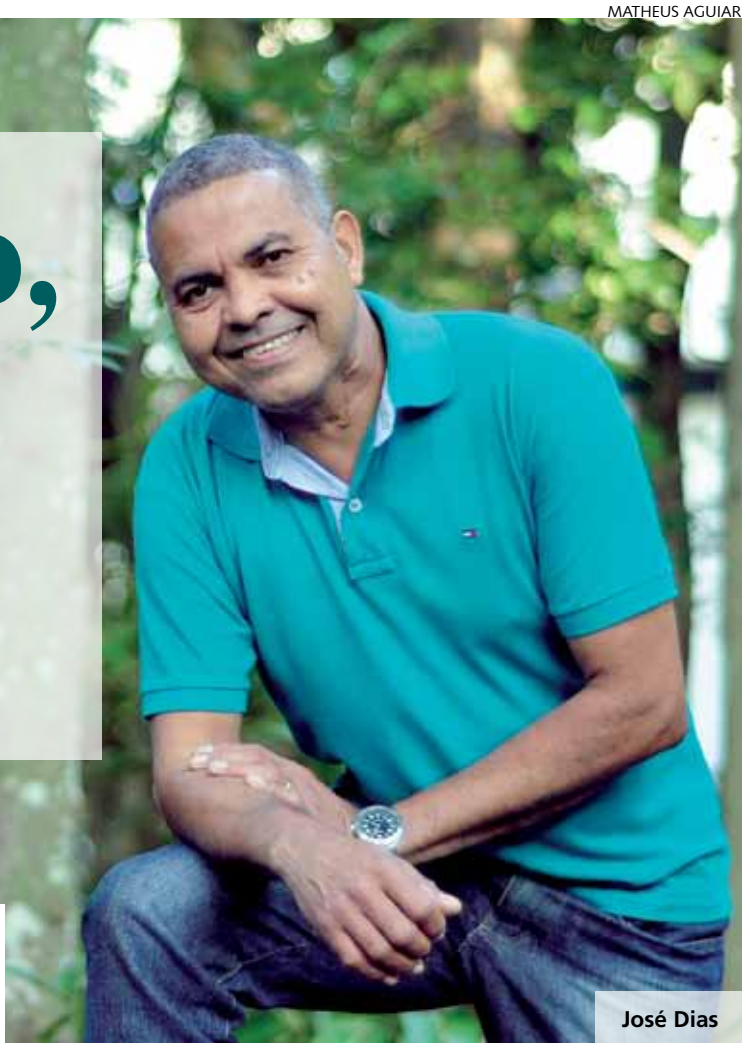
A exposição também aborda a relação entre arte e moda. Uma peça da coleção da Blue Man, inspirada na produção de Beatriz Milhazes, é exibida ao lado de uma obra da pintora. A marca de moda praia fez o mesmo com uma criação de Jorge Fonseca, e a estilista Adriana Degreas criou um maiô de látex inspirado em trabalho de Maria Martins. No centro da sala, o artista Nelson Leirner atualizou a obra *Stripencores*, de 1967. São quatro manequins: o primeiro com um vestido longo e os outros três com a peça cada vez menor, até chegar a um vestido curto. Leirner criou o quinto elemento para a exposição: um biquíni formado por zíperes.

O fim da *Yes! Nós Temos Biquíni* é uma sala que recria uma experiência de praia. Antes da entrada, a pergunta Qual é a Sua Praia? antecipa o que será mostrado. A frase, que pode ter múltiplos significados, chamou a atenção do guia turístico Edson Ferreira da Silva.

– Vim conhecer a evolução do biquíni. Acho que a proposta é essa. A pergunta vai muito além de gostar da praia da Barra ou da Zona Sul.

Camisa polo, jeans e um sorriso no rosto

MATHEUS AGUIAR



José Dias

Em ensaio de fotos, simplicidade e descontração fora do trabalho

ERICK FOTI

Roupas falam, dependem de ocasião e dizem muito sobre quem as vestem. Talvez, fora da PUC, os estudantes não reconheçam o auxiliar administrativo do RDC Rogério Guilherme da Costa, a ascensorista Domingas Ribeiro, a segurança Fabiana Silva de Uzeda, o jardineiro José Dias e o supervisor de laboratório José Nilson de Melo sem as vestimentas de trabalho. Com o intuito de mostrar o outro lado dos trabalhadores do campus, este ensaio retrata-os de uma maneira diferente do habitual dia a dia da Universidade. Mas a verdade é que, com ou sem uniformes, os funcionários revelam muita personalidade e estilo.

ISABELLA LACERDA

Domingas Ribeiro

ISABELLA LACERDA

Fabiana Silva de Uzeda

ISABELLA LACERDA

Rogério Guilherme da Costa

MATHEUS AGUIAR

José Nilson de Melo